

ANÁLISE DO CONTO “THE DEAD” DE JAMES JOYCE

Aline Portela Aguiar Ribeiro

James Joyce (1882-1941) é conhecido como um dos mais inovadores escritores do século XX. Autor de importantes obras como “The Portrait of The Artist As a Young Man” (1916) e “Ulysses” (1922). O conto “The Dead” é o último e mais famoso da coleção *Dublinenses* e diferencia-se dos demais contos, tanto pelo tamanho, quanto pela intensidade poética e sua representação simbólica. Joyce nasceu em Dublin em 1882, no entanto viveu a maior parte de sua vida fora da Irlanda. Apesar da ausência em sua terra natal, a obra joyceana está sempre ligada a cidade e país de origem do autor, tornando-os assim parte de grandes cenários literários. Joyce se permite ao uso de uma certa liberdade na utilização das palavras e suas experiências, especialmente em suas últimas obras. Nos contos o autor não se restringe a mostrar uma sociedade perfeita e virtuosa, e sim uma escrita realista e um raciocínio impressionante sobre as histórias da vida urbana irlandesa, mostrando seu cotidiano com defeitos e desasseios.

“The dead” é constituído de um enredo simples, sendo a epifania um símbolo marcante neste conto. Inicia-se com um acontecimento banal na casa das Senhoritas Morkan. Uma festa de fim de ano tradicional e bem idealizada, no ápice do entretenimento burguês com músicas, danças, e um jantar farto. Observa-se que a história é contada em terceira pessoa, referindo-se a Gabriel Conroy, sobrinho das anfitriãs. Visto como culto, observa-se em Gabriel um sentimento de superioridade em relação aos participantes da festa, característica essa nítida em seu tradicional discurso:

--Ladies and Gentlemen, it is not the first time that we have gathered together under this hospitable roof, around this hospitable board. It is not the first time that we have been the recipients - or perhaps, I had better say, the victims - of the hospitality of certain good ladies. He made a circle in the air with his arm and paused. Everyone laughed or smiled at Aunt Kate and Aunt Julia and Mary Jane, who all turned crimson with pleasure. Gabriel went on more boldly: --I feel more strongly with

every recurring year that our country has no tradition which does it so much honour and which it should guard so jealously as that of its hospitality. It is a tradition that is unique as far as my experience goes (and I have visited not a few places abroad) among the modern nations. Some would say, perhaps, that with us it is rather a failing than anything to be boasted of. But granted even that, it is, to my mind, a princely failing, and one that I trust will long be cultivated among us. (p 182)

Na primeira parte do conto, onde é narrado o início da festa com os convidados, observa-se uma inapropriação intelectual sentida por parte de Gabriel com relação aos demais convidados. Tal conclusão dar-se após o mesmo em uma conversa informal com Lilly, a filha do zelador, receber dela uma resposta considerada ríspida e grosseira. Gabriel logo interpreta tal situação como uma certa dificuldade de adaptação com aquelas pessoas proveniente de sua superioridade intelectual com relação as mesmas, havendo assim uma inadequação a simplicidade das pessoas ali inseridas com sua “sublimidade intelectual”, como podemos perceber no seguinte diálogo:

--Tell me, Lily, he said in a friendly tone, do you still go to school?
--O no, sir, she answered. I'm done schooling this year and more.
--O, then, said Gabriel gaily, I suppose we'll be going to your wedding one of these fine days with your young man, eh? The girl glanced back at him over her shoulder and said with great bitterness: --The men that is now is only all palaver and what they can get out of you. Gabriel coloured, as if he felt he had made a mistake, and, without looking at her, kicked off his goloshes and flicked actively with his muffler at his patent-leather shoes.

Os contos de Joyce acarretam a busca por suas epifanias. No capítulo 15 de Stephen Hero há uma explicação. Joyce diz que suas epifanias correspondem a: “Uma manifestação súbita, quer na vulgaridade do discurso ou do gesto, ou em uma fase memorável da própria mente. Ele acreditava que cabia ao homem de letras registrar estas epifanias com cuidado extremo, visto que elas mesmas são os momentos mais delicados e evanescentes”.

A epifania em “The dead” é sentida por Gretta, como podemos observar quando ela escuta a música tocada ao fim da festa, que a faz lembrar de um rapaz que teria sido seu primeiro amor. Ao perceber sua esposa distante e triste, Gabriel insiste sobre o motivo e descobre sobre seu grande amor do passado,

que morrera por ela, e que este sentimento ainda está presente e vivo nela através de lembranças. O rapaz se mostrou sempre desejoso pela esposa, tendo uma grande admiração e amor por ela, então tal revelação surgiu como um choque, levando-o à uma frustração e paralisia com relação ao amor. Michael Furey, apesar de parecer inferior à Gabriel intelectualmente, de certa forma passa a tornar-se mais atrativo para Gretta, sabendo que ele enfrentou toda aquela neve da Irlanda para vê-la, visto que correria o risco de perder a vida e mesmo assim não recuou. Além disso o fato de Furey perder a vida precocemente leva Gretta a idealizá-lo como alguém sempre perfeito e que nunca envelhece, tendo dele a imagem de uma pessoa sempre jovem, pois é sua última lembrança, fatores esses que o faz oposto de Conroy. Observa-se que Gabriel passa de uma reflexão comum de seu relacionamento para uma perspectiva bem mais ampla: o de sua própria existência:

--Gretta, dear, what are you thinking about? She did not answer nor yield wholly to his arm. He said again, softly: --Tell me what it is, Gretta. I think I know what is the matter. Do I know? She did not answer at once. Then she said in an outburst of tears: --O, I am thinking about that song, The Lass of Aughrim.(...) Her eyes made Gabriel feel awkward. He shrugged his shoulders and said: --How do I know? To see him, perhaps. She looked away from him along the shaft of light towards the window in silence. --He is dead, she said at length. He died when he was only seventeen. Isn't it a terrible thing to die so young as that? --What was he? asked Gabriel, still ironically. --He was in the gasworks, she said. Gabriel felt humiliated by the failure of his irony and by the evocation of this figure from the dead, a boy in the gasworks. While he had been full of memories of their secret life together, full of tenderness and joy and desire, she had been comparing him in her mind with another. A shameful consciousness of his own person assailed him. He saw himself as a ludicrous figure, acting as a penny-boy for his aunts, a nervous, well-meaning sentimentalist, orating to vulgarians and idealizing his own clownish lusts, the pitiable fatuous fellow he had caught a glimpse of in the mirror. Instinctively he turned his back more to the light lest she might see the shame that burned upon his forehead. (198)

No caso da neve, há uma forte representação na obra, no sentido literal e metafórico da palavra. A neve vista como algo que precisamos nos proteger, a sensação de morte e adeus representados por ela, como visto no destino de Furey, e ao mesmo tempo atrativa ao apreciá-la através de uma janela,

passando a ser algo reconfortante, como foi o caso de Gabriel. O simbolismo é bastante evidente com a relação à neve retratada no conto:

snow was general all over Ireland. It was falling on every part of the dark central plain, on the treeless hills, falling softly upon the Bog of Allen and, farther westward, softly falling into the dark mutinous Shannon waves. It was falling, too, upon every part of the lonely churchyard on the hill where Michael Furey lay buried. It lay thickly drifted on the crooked crosses and headstones, on the spears of the little gate, on the barren thorns. His soul swooned slowly as he heard the snow falling faintly through the universe and faintly falling, like the descent of their last end, upon all the living and the dead. (p200-201)

No decorrer do conto é possível observar um processo de desconstrução da imagem de Gabriel Conroy. O autor relata com precisão as variações de humor e personalidade vivida pelos personagens ao longo da festa, fazendo-os sentir diferentes emoções, dentre elas frustrações, levando-os a repensar sobre suas vidas, em especial a de Gabriel, que é inserido em uma cena um tanto complexa com diferentes tipos de pessoas e classes, entre estranhos e desconhecidos, sendo exigido a cada situação um comportamento diferente. No entanto observa-se a dificuldade por parte de Conroy em driblar essa situação, visto sua pouca capacidade em adaptar-se à novas situações. Entre altos e baixos vividos por Conroy, sob a desconstrução de um homem superior, observa-se que o mesmo começa a se distanciar de seu egoísmo, levando-nos a crer em uma certa inferioridade com relação à sua esposa:

Gabriel, leaning on his elbow, looked for a few moments unresentfully on her tangled hair and halfopen mouth, listening to her deep-drawn breath. So she had had that romance in her life: a man had died for her sake. It hardly pained him now to think how poor a part he, her husband, had played in her life. He watched her while she slept, as though he and she had never lived together as man and wife. His curious eyes rested long upon her face and on her hair: and, as he thought of what she must have been then, in that time of her first girlish beauty, a strange, friendly pity for her entered his soul. He did not like to say even to himself that her face was no longer beautiful, but he knew that it was no longer the face for which Michael Furey had braved death. (p 199)

Em meio à tantos acontecimentos, percebe-se que Gabriel passa a ter uma reflexão mais ampla sobre a vida, como a aceitação da morte, sendo

encarada como algo mais significativo que a própria vida, de modo a concluir que a sociedade precisa conviver com ela. No final do conto, Gabriel refere-se a existência humana com uma percepção de que toda essa existência está associada à morte. Então todas as emoções e frustrações vividas por ele levaram-o a refletir sobre a vida, conscientizando-o sobre a existência e aceitação da mortalidade.

O texto apresenta também em sua temática uma sociedade fragmentada, onde o leitor é de certa forma inserido nessa sociedade, sendo caracterizada como hipócrita e desinteressada, vista como leiga em se tratando de arte. Como podemos perceber na cena em que Mary Jane toca, que embora aplaudida as pessoas não param para prestar atenção.

O narrador nos faz refletir em alguns momentos do enredo mais uma vez a hipocrisia da sociedade, visto que quando o tema não é adequado, e gera conflitos as pessoas fazem questão de interromper:

--Now, Aunt Kate, you're giving scandal to Mr Browne, who is of the other persuasion. Aunt Kate turned to Mr Browne, who was grinning at this allusion to his religion, and said hastily: --O, I don't question the Pope's being right. I'm only a stupid old woman and I wouldn't presume to do such a thing. But there's such a thing as common everyday politeness and gratitude. And if I were in Julia's place I'd tell that Father Healey straight up to his face... --And besides, Aunt Kate, said Mary Jane, we really are all hungry and when we are hungry we are all very quarrelsome. --And when we are thirsty we are also quarrelsome, added Mr Browne. --So that we had better go to supper, said Mary Jane, and finish the discussion afterwards. (p176)

“The dead” leva-nos a uma consciência sobre a mortalidade. Percebe-se que os protagonistas do enredo não são jovens, como Gabriel que está em plena meia-idade, a descrição do momento em que o homem descobre que vai morrer um dia, fatores esses que levam-nos mais uma vez a refletir sobre a forte presença epifânica no conto. James Joyce conseguiu abordar tal tema com maestria, considerando que a maioria das epifanias decorrem de acontecimentos banais, como é o caso da festa, onde o autor explana como algo que acontece com frequência e por vários anos, sempre da mesma forma e com as mesmas pessoas. A descrição dos acontecimentos é sempre com a mesma rotina, pessoas reais vivendo o mesmo cotidiano, sem pensar muito em si e no futuro.

E quando algo nos leva a pensar que tudo pode acabar um dia, a sensação pode denominar-se de “choque” de realidade. Joyce com sua precisão no enredo deste conto leva, assim como Gabriel, a conscientização do leitor a própria mortalidade e a dos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JOYCE, James. **Dubliners**. New York: Dover Publications, Inc; 1991.

JOYCE, James. **Dubliners**. 1914. London: Penguin Books, 1996.

JOYCE, James. **Stephen Hero**. John Slocum and Herbert Cahoon, eds. New York: New Directions, 1963.

JOYCE, James. **Dubliners**. London: Granada, 1985

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ- UVA
LETRAS- HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

Aluna: Aline Portela Aguiar Ribeiro

Professor Márton Gémes

ANÁLISE DO CONTO “THE DEAD” DE JAMES JOYCE

8 de Agosto 2018

Sobral-Ce

